

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO, Maio/2008 – Vol. III

O GÊNERO NARRATIVO NAS AFASIAS FLUENTES: UM ESTUDO DE CASO

Fernanda Marrara BRANDÃO

(Orientadora): Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto

RESUMO: A fim de compreender além da estrutura da narrativa do sujeito afásico, o seu funcionamento nas situações dialógicas, partiu-se do referencial enunciativo-discursivo, no qual a linguagem é concebida como dinâmica e resultado das interações sociais.

Os dados de CS foram analisados segundo categorias propostas por Perroni (1992), Melo (2007), François (1996) e Scarpa (1995), apoiando-se nas concepções bakhtinianas de dialogia e enunciado.

O estudo de caso de CS e de suas singularidades (Abaurre, 1996), possibilitou compreender melhor as estratégias de reformulação adotadas por sujeitos afásicos para driblarem suas dificuldades com a linguagem, bem como refletir acerca do sentimento de incompletude frente à língua e à linguagem, que parece ser da natureza do “normal”.

PALAVRAS CHAVE: Neurolinguística, afasia, fluência, gênero narrativo.

Introdução

Este estudo monográfico foi realizado a partir do referencial enunciativo-discursivo, no qual se concebe a linguagem não como estrutura estática e fechada, mas, ao contrário, como sendo dinâmica e resultado das interações sociais. Busca-se compreender, mais do que a *estrutura* da narrativa do sujeito afásico, o seu funcionamento nas situações dialógicas. Na abordagem neurolinguística assumida pelos pesquisadores do IEL/UNICAMP, a língua é considerada resultado do trabalho dos falantes com e sobre a linguagem. De acordo com Coudry (2002), esta abordagem é baseada na concepção histórica e cultural da linguagem, que considera o caráter indeterminado dos processos de significação. Franchi (1977, 1986), também atribui aos sujeitos o exercício da linguagem, a qual é considerada por ele como incompleta e indeterminada.

Os estudos tradicionais das narrativas normalmente são centrados nas estruturas. Estuda-se, por exemplo, os mecanismos de coerência e de coesão, os conectivos geralmente utilizados, dentre outros. Ao invés disso, nos apoiamos nas concepções bakhtinianas de *dialogia* e de *enunciado*, que parece dar conta das peculiaridades das narrativas nas afasias.

Segundo Bakhtin (1997), os enunciados refletem as condições e finalidades específicas das esferas da atividade humana, não só pelo conteúdo e pelo estilo verbal, mas também pela construção composicional. Dessa forma, eles podem ser considerados isoladamente, mas sabe-se que cada uma dessas esferas possui tipos relativamente estáveis de enunciados, o que são denominados *gêneros do discurso*. De acordo com Bakhtin (1997), a totalidade de um enunciado é determinada, entre outros fatores, pelo *intuito discursivo*, que determina a escolha do gênero a ser utilizado, já que todos os enunciados fazem parte de um gênero, que contém uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Os gêneros organizam nossa fala e variam conforme as circunstâncias de comunicação, a posição social e o relacionamento pessoal dos interlocutores. Portanto, para que seja efetivada a comunicação verbal, deve-se ter conhecimento não apenas da língua, mas também dos gêneros do discurso. (Bakhtin, 1997)

Fundamentação Teórica

Considerações a respeito das afasias – entre o normal e o patológico

Coudry (1988) considera a afasia como uma perturbação de linguagem em que há alterações relacionadas tanto à produção quanto à interpretação da fala. Tais alterações do mecanismo lingüístico são causadas, segundo a autora, por lesões estruturais adquiridas do Sistema Nervoso Central, em decorrência de acidentes vasculares cerebrais, tumores ou traumatismos crânio-encefálicos. As seqüelas deixadas pelas lesões cerebrais podem trazer várias restrições à vida do indivíduo afetado, nos âmbitos social, familiar, profissional, conjugal, etc.

De acordo com Caldas (2000 *apud* Cazarotti, 2007), Wernicke foi o primeiro a propor a classificação das afasias em *fluentes* e *não fluentes*. Cazarotti (2007) relaciona essa classificação com os *Distúrbios da Similaridade e da Contigüidade*, propostos por Jakobson (1992), que considera duas operações por meio das quais se apresenta o signo lingüístico: i) combinação, uma vez que todos os signos são compostos por signos constituintes e podem aparecer combinados a outros signos e ii) seleção, já que um signo pode ser substituído por outro. Sendo assim, acredita-se que os distúrbios da linguagem, como a afasia, podem afetar a capacidade dos indivíduos em combinar e selecionar unidades lingüísticas. O *Distúrbio da Similaridade*, que é característico das afasias-fluentes, refere-se ao comprometimento das funções de seleção e substituição. Neste caso, o sujeito apresenta dificuldade em iniciar o diálogo, bem como apóia demasiadamente suas produções lingüísticas no contexto verbal. O afásico, ainda, apresenta dificuldades com operações

metalingüísticas, envolvendo a relação interna de similaridade. (Cazarotti, 2007)

Morato et al (2002) afirmam que além da fala, a atividade de leitura também pode se encontrar alterada em relação ao conhecimento e uso do sujeito antes da afasia. O sujeito afásico também pode apresentar dificuldades na escrita, que se constituem como problema de linguagem e não como decorrentes de uma alteração motora.

No entanto, conforme referem Morato et al (2002), a sensação de que as palavras “fogem”, ou de não conseguir se expressar como gostaria ocorrem não raramente com pessoas ditas normais, assim como há situações em que se perde a linha de raciocínio, em que não se consegue compreender completamente o que é dito, em que se troca uma palavra por outra ou em que não se lembra o que acabou de ser dito. Da mesma forma, Coudry (2002:101) afirma que *“neste ponto, não afásicos e afásicos partilham de um sentimento/atitude comum de incompletude frente à linguagem e à língua”*.

A diferença crucial entre sujeitos afásicos e não afásicos, portanto, está na recorrência dos “maus momentos”, bem como na dificuldade que os afásicos têm em contorná-los.

Delimitação do Problema: O Gênero Narrativo

Um dos gêneros discursivos mais utilizados por todos os indivíduos no cotidiano é o narrativo. Segundo Perroni (1992), diversas abordagens caracterizam o discurso narrativo do ponto de vista da estrutura e consideram apenas as histórias. Há, entretanto, autores que tratam das narrativas abrangendo tanto histórias quanto relatos pessoais. Em seu trabalho, a autora optou por dividir a narrativa em três tipos: as histórias, os relatos e os casos.

As *histórias*, para Perroni (1992), são as narrativas típicas de nossa cultura, que possuem uma invariabilidade de conteúdo, ou seja, têm enredo fixo. Já os *relatos* são o que tradicionalmente se entende como discurso narrativo, ou seja, são narrativas construídas para recuperar linguisticamente seqüências de experiências pessoais vividas pelo narrador. Não há um compromisso com o enredo fixo, mas com a “verdade” que se quer relatar. Os *casos*, por sua vez, se encontram no meio do caminho entre as histórias e os relatos. Para a autora, eles são a forma mais livre de narrativa, uma vez que não há compromisso nem com um enredo fixo nem com uma “verdade”.

Melo (2007), por sua vez, evita uma definição normativa da narrativa, e considera, além de sua dimensão cronológica, dois outros critérios a fim de qualificar este gênero, sendo que o primeiro critério está relacionado ao fato de uma narrativa apresentar, ainda que minimamente, inteligibilidade temática e

coerência de conjunto; e o segundo critério diz respeito à dramatização: “*uma narrativa tem sentido porque se passa alguma coisa que (...) a torna digna de ser contada*” (Melo, 2007:320)

De acordo com a autora, não é esperado simplesmente que uma narrativa tenha começo, meio e fim, mas que esta cronologia seja dominada por um outro modo de relação entre os fatos, tais como uma dramatização, uma intriga ou uma ruptura entre o inesperado e o cotidiano.

François (2004 *apud* Melo, 2007) acredita na narrativa como discurso, na medida em que os efeitos do que um locutor fala encontram interpretação favorável de um interlocutor. Dessa forma, o que faz sentido na atividade de narrar é o fato de o ponto de vista daquele que narra provocar mudanças naquele que recebe. François (1996 *apud* Fiorindo, 2007), considera como *tutela* o modo de o locutor reagir ao discurso ou a intervenção do interlocutor. Ele acredita que a tutela pode ocorrer de forma global no discurso, dando sentido próprio à noção de diálogo, dependendo do que o tutor representa para o locutor em determinado contexto; ou de maneira local, relacionando-se ao que ocorre em determinados enunciados ou nos momentos da interação (reações como gestos, olhares, etc). O autor estuda a tutela sob quatro pontos de vista: o momento da intervenção, as intervenções que respeitam o discurso do locutor, as modalidades lingüísticas da interação e os efeitos explícitos no discurso do locutor, e traz os conceitos de *tutela paralela estrita* – quando o interlocutor faz o que seria função do locutor, *tutela paralela por esboço* – quando o interlocutor começa o que deve ser terminado pelo locutor, *tutela complementar* – quando o interlocutor favorece o discurso do locutor, e *contra-tutela* – quando o locutor não responde ao que o interlocutor perguntou.

Outra questão relevante, no que diz respeito ao estudo das narrativas é a da fluência que, segundo Scarpa (1995), deve estar relacionada a todas as dimensões da fala de um sujeito, sendo considerado seu desempenho nos campos semântico, sintático, morfêmico e prosódico. A autora acredita que a fluência e a disfluência refletem as diversas relações do sujeito com a linguagem, sendo a disfluência um elemento desta, não o seu oposto. Novaes-Pinto (1999) destaca que mesmo sujeitos não afásicos quando necessitam mudar seu estilo de fala, involuntariamente a modulam, devido a fatores emocionais e fisiológicos, o que também pode ocorrer frente a dificuldades de seleção lexical ou de organização sintática dos enunciados.

Justificativa e Objetivos

Pretende-se investigar o funcionamento das narrativas em sujeitos com afasia fluente, a partir do estudo de caso do sujeito CS. A partir do estudo de

casos e de suas singularidades (Abaurre, 1996), é possível compreender melhor as estratégias de reformulação adotadas pelos sujeitos afásicos para driblarem suas dificuldades com a linguagem.

Sujeitos e Métodos

O sujeito desta pesquisa é CS, brasileiro, 41 anos de idade, destro, que passou por uma cirurgia de clipagem de cisto em 2005 e em consequência desenvolveu uma afasia leve, tradicionalmente chamada de “fluente”.

Os dados foram coletados durante os atendimentos fonoaudiológicos individuais, assim como nas sessões do Grupo III do Centro de Convivência de Afásicos em sessões vídeo-filmadas. Os atendimentos individuais foram gravados em áudio e/ou vídeo, posteriormente transcritos e analisados qualitativamente. A pesquisa qualitativa tem como objetivo “(...) *melhor compreender o comportamento e a experiência humanos*” (Bogdan e Biklen, 1998:38 *apud* Turato, 2003).

Para fundamentar o trabalho, foi realizado também um levantamento bibliográfico sobre as questões da normalidade e da patologia, bem como sobre os gêneros discursivos, dentre eles o narrativo.

Dados de Narrativas de CS

Os dados de CS foram analisados segundo categorias propostas por Perroni (1992), Melo (2007), François (1996) e Scarpa (1995), segundo os princípios teóricos de Bakhtin (1997). Foram escolhidos dois trechos de narrativas de CS. Os destaques em negrito representam expressões recorrentes e repetições em sua fala, revelando estratégias epilingüísticas e metalingüísticas, em momentos que o sujeito afásico necessita reformular seus enunciados ou contornar suas dificuldades.

Dado 1

CS: **Ó, vou te contar uma outra coisa**, que a gente... **eu... eu...** quase quebrei. Não vou falar que é, mas eu tinha 8 loja.

[A: Aham

[F: Hum...

CS: Aí, o que que aconteceu? Eu tinha, **vamos se dizer**, cinqüenta funcionário. Hum... **tipo assim**, eu tava doente. Na... eu era... **é... é... Como é que chama isso aqui? Não a...** (apontando para a cabeça) **Centro Médico, né?**

A: Aham
CS: Aí eu fiquei vinte dias na UTI e **num sei o quê**... Aí fiz... Aí pro fim a turma... Num pode falar, porque **é**, sempre tem gente fina... Aí **paguei, paguei, paguei, paguei, paguei**. Vendi a, o, quatro loja e eu vendi e eu paguei. Aí ce fica meio com medo agora... Cê vê...
F: De confiar nas pessoas?
[CS: Então!
[A: Aham...
CS: Aí eu falo assim, domingo, domingo eu não venho. Mas alguém, cê fala assim: alguém rouba! Cê fica meio com medo...
A: É...

Dado 2

[CS: Não, olha, **tudo ao contrário, viu?** Eu... Hum... **Vamos se dizer**, por que que eu fui, **na, na, na**... é... praia? Por que se não **eu fico, eu fico** louco, **por que, por causa** disso daí...

F: Uhum
A: É... Mas...
[F: É, tem que dar uma passeada, esquecer um pouco dos problemas...
Viver um pouco também, né...

[CS: Então, mas olha, faz quatro anos, hein... Cê imagina?
Oh, outra... outra coisa. A gente fala assim que eu, conseguia falar português certinho, **num sei o quê**. Eu não conseguia falar nada!

F: Quando, depois da cirurgia?
[CS: É, eu... **vamos se dizer**, como é que que eu falava... é... A minha esposa, irmão, é... primo... Eu não falava nada! **Eu só falava “ca-chorro, ca-chorro, ca-chorro”. E pra mim, ta ótimo... É só “cachorro, cachorro, cachorro”**.

[F: Uhum...
F: É, quatro anos, ó... (fazendo gesto como se tivessem sido suados)
CS: Então, mas... **ao contrário**, pra mim eu fiz... a minha esposa falou assim pra mim... “é... ó, tudo quebrado, hein!” Ele sem, sem osso aqui (apontando para a cabeça)... Ce dá risada, por que a ta... **a,a,a ó**... a tarde... aqui, normal. À tarde vai caindo... isso aqui.

[A: Aham...
CS: Vai caindo... Então... **eu pre... eu preciso** fazer... de conta de que não tem esse problema, esquece...

[A: Aham...
CS: Então deu certo... E... Ah... Mudou, mudou mesmo, **entendeu?**

Dado 3

F: Que aconteceu com ela ontem, apareceu? Apareceu as duas ou só uma?

[CS: **Cê não faz idéia... Cê vai dar risada!**

[A: que que aconteceu?

CS: Aí, cê viu que ela tem o... ele ta com apartamento **onde, onde a...** ela... **vamos se dizer...** A hora que foi o... a minha... não...

A: É a boazinha ou é a ruim que você ta falando?

CS: Não, não é... a boa...

F: A boa, a Paula... É a Paula...

CS: O resto é... Ontem também **cê não faz idéia...**

A: Então tava boa a novela ontem?

CS: É verdade...

F: A Paula tá na casa do... do pai do Antenor, né?

CS: Isso! Então ele tava lá, ta... Vamo... **Eu pego... É... Eu pego um... Pra... Tomar banho. Você vai, ou, ou eu?** Ai ele falou assim, vai você.

F: Aham.

CS: Ta... Aí o cara chegou!

F: O Daniel?

CS: É

A/F: Aiiiiiiii

CS: Aí chegou... **E aí?** (SI) E demora, e demora... aí o cara, **ta,ta,ta,ta,ta, ta...**

Aí ele quase pegou de novo... A hora que foi lá... Eu falo assim, de novo, cara?

A/F: Ahhhhhh

(risos)

F: Já teve a festa lá que eles se desconstraram.

[CS: mas até um cabelo **num sei o que, num sei o que...** Aí voltou **na, na...** é... a hora que... **vamos se dizer...** no banho, né... depois **ela, ela** falou assim, cabou né... e vamo lá **na, na** sala... e esqueceu da... **vamos se dizer... um... um...** (imita uma pessoa passando perfume) pra dar um trato aí... aí voltou denovo... aí num deu certo.

[A/F: ahhhhh

A: Ai meu Deus!

F: Não acredito! Só pra desconstrair, só! Então não, não foi ontem ainda que eles iam se encontrar?

Análises e Discussões

No **dado 1**, CS inicia seu discurso anunciando que vai tecer um relato, ou seja, que vai utilizar o gênero narrativo, a fim de recuperar linguisticamente

uma experiência vivida por ele (Perroni, 1992). Da mesma forma, percebemos a utilização de expressões cristalizadas – “*vamos se dizer*”, “*tipo assim*”, “*num sei o quê*” –, repetições de palavras e inserção destas em enunciados nas quais elas não seriam necessárias, a fim de “ganhar tempo” para reformular o que quer dizer, além de preencher o tempo todo com fala, para que o discurso não tenha pausas, o que nos ajuda a entender suas dificuldades, apesar de sua *fluência*.

Este dado revela processos epilingüísticos em curso, nos momentos em que CS reformula suas falas, driblando as dificuldades para selecionar a palavra adequada.

Observamos, ainda, critérios que qualificam o gênero narrativo, já que além de se tratar de um relato, possui uma dimensão cronológica e permite que o interlocutor compreenda o tema de que se trata (Melo, 2007).

No **dado 2**, em que CS fala sobre suas dificuldades, merece destaque a operação metalingüística realizada por ele, ao utilizar-se da linguagem para se referir à própria linguagem. Ele conta ao interlocutor que, ao buscar uma palavra desejada, só conseguia enunciar “cachorro”. É possível perceber a dificuldade de CS com a cronologia dos acontecimentos, necessitando que a interlocutora realize uma *tutela complementar*, favorecendo seu discurso, como no enunciado: “*Quando, depois da cirurgia?*” Percebe-se ainda que CS recorre frequentemente ao discurso direto, no tempo presente, já que fazendo isso não necessita estruturar seus enunciados no tempo passado, o que se configura como uma estratégia alternativa para conseguir atingir seu intuito discursivo.

No **dado 3**, a partir da pergunta da estagiária, CS, mais uma vez, faz uso de expressões cristalizadas como “*Cê não faz idéia*” e “*Cê vai dar risada*”, para informar as interlocutoras de que ele vai contar o que aconteceu na novela. Neste caso, essa forma de narrativa pode ser considerada uma estória, já que tem um compromisso com um enredo fixo: a novela. (Perroni, 1992).

CS, mais uma vez, se utiliza de prolongamentos de vogais, repetições de palavras e da expressão “*vamos se dizer*”, a fim de ganhar tempo para reformular seu discurso.

Pode-se perceber que, devido à dificuldade com os nomes dos personagens da novela, CS refere-se a eles por meio de pronomes pessoais, ou expressões como “*o cara*”. Dessa forma, é necessária a intervenção das interlocutoras para saber exatamente de quem CS fala, o que só é possível porque CS dá indícios da *cenografia* (Maingueneau, 2001) de seu discurso.

No trecho “*Eu pego... É... Eu pego um... Pra... Tomar banho. Você vai, ou, ou eu?*”, CS encena os acontecimentos da novela, como estratégia para driblar sua dificuldade em narrar, assim como em “*depois ela, ela falou assim, cabou né... e vamo lá na, na sala...*”. Além disso, a dificuldade de acesso ao léxico é

superada por CS, recorrendo à linguagem não-verbal, por meio do uso de gestos, por exemplo, como quando ele imita uma pessoa passando perfume.

Considerações Finais

Procuramos, por meio do presente trabalho, compreender não apenas a estrutura das narrativas do sujeito CS, mas o funcionamento deste gênero nas situações dialógicas, uma vez que a partir do referencial enunciativo-discursivo, considera-se a língua como trabalho dos falantes com e sobre a linguagem.

Dessa forma, podemos destacar os processos epilingüísticos, quando CS se auto-corrigue ou reformula sua fala e metalingüísticos, quando o sujeito utiliza-se da linguagem para refletir sobre a própria linguagem. Vale ressaltar que o desenvolvimento da metalingüagem é imprescindível para a aquisição e funcionamento adequado da linguagem e, como mostram os dados, para a reorganização das alterações nas afasias.

Assim como em qualquer situação dialógica, ao narrar CS esperava que os interlocutores, no caso as estagiárias, adotassem uma atitude responsiva em relação ao seu discurso, concordando com ele, completando-o, favorecendo seus relatos, o que de fato ocorria, colaborando para o enriquecimento de suas narrativas, e para que o sujeito pudesse alcançar o seu *intuito discursivo* (Bakhtin, 1997). Conforme afirma Novaes- Pinto (1999:188): “*A determinação do sentido, dessa forma, depende mais do outro, do co-processamento realizado com os interlocutores, de flechar itens do contexto. Há muitos momentos em que percebemos que os sujeitos afásicos não conseguem realizar seu intuito discursivo (os dados nos apontam isso), o que os leva à frustração. É nesse sentido que afirmo que a linguagem do afásico, em certas situações dialógicas, fica mais indeterminada.*”

O sujeito também suprime fragmentos dos acontecimentos e utiliza-se de pronomes pessoais para se referir às pessoas, sem antes ter apresentado os referentes. Faz isso, pois parte do conhecimento compartilhado, deixando para o interlocutor uma parcela do trabalho, na medida em que CS espera que ele dê sentido ou exerça mecanismos como os de *tutela* (François, 1996).

Deve-se ressaltar que apesar de a nomenclatura *tutela* não ser considerada a mais apropriada, a definição de François parece adequada para o que se pretendia estudar no presente trabalho. Dessa forma, desprezou-se o caráter pejorativo da palavra *tutela*, preservando a idéia de que se trata da maneira com que o interlocutor reage ou intervém no discurso do locutor.

Procurou-se destacar, portanto, mais do que as dificuldades, as estratégias de CS a fim de dribla-las, tais como o uso de gestos, a repetição de palavras, o

uso de expressões cristalizadas, as encenações, além dos efeitos destas estratégias nas situações dialógicas.

Os dados também mostram momentos em que as próprias estagiárias demonstraram dificuldades e necessitaram de *tutela*, corroborando a idéia de que o sentimento de incompletude frente à língua e à linguagem é da própria natureza do “normal”.

Fica claro, ainda, que *fluência* não pode ser definida por sua negativa, como sendo a ausência de disfluências, prolongamentos ou pausas, mas deve estar relacionada com todas as dimensões – sintática, semântica, prosódica, morfêmica – da fala de um sujeito. (Scarpa, 1995) Esta é, sem dúvida, uma das questões evidenciadas neste trabalho que mais demanda aprofundamento e um tratamento que dissolva a dicotomia em direção a uma compreensão num eixo contínuo entre o normal e o patológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABAURRE, B. (1996) *Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita*. In Castro, M.F. O método e o Dado no Estudo da Linguagem. Campinas, SP: Editora da Unicamp. p. 111 - 164.
- BAKHTIN, M. (1997) *Os gêneros do discurso*. In: Bakhtin, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes.
- CAZAROTTI, M. (2007) Projeto de Tese de Doutorado apresentado como requisito do Processo Seletivo do Departamento de Lingüística do IEL.
- COUDRY, M.I.H. (2002) *Diário de Narciso – Discurso e Afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. *Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da neurolingüística*. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos, v. 42, n. 42. Campinas, IEL/UNICAMP. p. 99-129.
- FIORINDO, PP. (2007) *Quando o adulto ajuda a criança a narrar*. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos XXXVI. Campinas, IEL/UNICAMP. p. 355-361
- FRANCHI, C.(1977) *Linguagem - atividade constitutiva*. In: Cadernos de estudos Lingüísticos, Campinas, n. 22. Campinas, IEL/UNICAMP. p. 9-39
- _____. (1986) *Reflexões sobre a hipótese da modularidade da mente*. ABRALIN 8:63-76.
- MELO, LE. (2007) *Efeitos da mediação do “outro” em eventos de narrativa oral na criança*. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos XXXVI. Campinas, IEL/UNICAMP. p. 319-328
- MORATO, EM. et al. (2002) *Sobre as afasias e os afásicos – subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásico(Universidade Estadual de Campinas)*. Campinas: Unicamp.
- NOVAES-PINTO, RC. (1999) *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese de Doutorado. IEL/Unicamp.
- PERRONI, M.C. (1995) *Desenvolvimento do Discurso Narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Scarpa EM.. *Sobre o Sujeito Fluente*. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos – Vol 29. Campinas, IEL/UNICAMP. p. 163-184
- TURATO, ER. (2003) *Recursos metodológicos da pesquisa clínico-qualitativa*. In: Turato, ER – Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Petrópolis: Vozes.